

MESA REDONDA 01: Musicoterapia a Caminho da Transdisciplinaridade

A Musicoterapia a caminho da Transdisciplinaridade

Marco Antonio Carvalho Santos¹

O conceito de Transdisciplinaridade ainda não parece ter um significado suficientemente consensual, de modo que tem dado margem a muitos equívocos. O Dicionário Aurélio registra as palavras *Interdisciplinar* (significando “Comum a duas ou mais disciplinas ou ramos de conhecimento”) e *Multidisciplinar* (“Referente a, ou que abrange muitas disciplinas”). Não registra, no entanto, Transdisciplinar. Essas três palavras representam tentativas de encontrar caminhos para superar o isolamento entre as diferentes disciplinas e campos de conhecimento, uma preocupação cada vez mais sentida nos meios científicos.

O 1º Congresso Mundial sobre a Transdisciplinaridade — realizado em 1994 no Convento de Arrábida com apoio da UNESCO e que aprovou um documento intitulado *Carta da Transdisciplinaridade* — contou com a participação do físico Basarab Nicolescu, presidente do *Centre International pour la Recherche et Études Transdisciplinaires* e Edgar Morin. Apresentaremos a seguir alguns conceitos desses autores.

Comparando pluridisciplinaridade, multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, Nicolescu considera que “a pluridisciplinaridade diz respeito ao estudo de um tópico de pesquisa não apenas em uma disciplina, mas em várias ao mesmo tempo” e a “abordagem multidisciplinar ultrapassa as fronteiras disciplinares, enquanto sua meta permanece nos limites do quadro de referência da pesquisa disciplinar”. São, portanto, formas de estabelecer a colaboração entre disciplinas para analisar um objeto, sem que cada disciplina abra mão de seus métodos ou perca sua autonomia. Por outro lado, “a transdisciplinaridade diz respeito ao que está, ao mesmo tempo, *entre* as disciplinas, *através* das diferentes disciplinas e *além* de todas as disciplinas. Seu objetivo é *a compreensão do mundo presente*, e um dos imperativos para isso é a unidade do conhecimento”. Para Nicolescu, a transdisciplinaridade é

¹ MARCO ANTONIO CARVALHO SANTOS – Graduação em Musicoterapia e Licenciatura em Educação Artística – Habilitação em Música (CBM), Mestrado e Doutorado em Educação (UFF/RJ). Professor do Conservatório Brasileiro de Música e pesquisador da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – FIOCRUZ, trabalhando atualmente na Ouvidoria da Fiocruz. Email: santosma@ism.com.br

nutrida pela pesquisa disciplinar; ou seja, a pesquisa disciplinar é esclarecida de maneira nova e mais fecunda pelo conhecimento transdisciplinar. Kuenzer, importante autora brasileira no campo da educação, caracteriza a transdisciplinaridade pela “construção de um novo objeto, com metodologia peculiar, a partir da integração de diferentes disciplinas, que se descaracterizam como tais, perdem seus pontos de vista particulares e sua autonomia para construir um novo campo de conhecimento” (Kuenzer, 2002: 86). Nesse sentido, a pesquisa disciplinar e transdisciplinar não são antagônicas, mas complementares.

Morin destaca a historicidade das disciplinas situando a sua organização no século XIX, “particularmente com a formação das universidades modernas, desenvolvendo-se depois, no século XX, com o impulso da pesquisa científica” (Morin, 2001: 66). Apesar dos grandes avanços que possibilitou – para Morin, a disciplina é uma categoria organizadora do conhecimento científico: ela institui a divisão e a especialização do trabalho –, a disciplinaridade envolve o risco de, pela sua exacerbação, criar problemas na medida em que “a fronteira disciplinar, sua linguagem e seus conceitos próprios isolam a disciplina das outras e dos problemas que a recobrem” (Morin, 2001:66). Para ele, uma disciplina tende à autonomia pela delimitação de suas fronteiras, pela linguagem que ela constitui, pelas técnicas que é levada a elaborar ou a utilizar e, eventualmente, pelas teorias que lhe são próprias.

Morin considera que se a história oficial da ciência é a da disciplinaridade, uma outra história, que lhe é ligada e inseparável, é aquela da inter-trans-poli-disciplinaridade. Esse autor apresenta uma série de exemplos do que considera invasões, contatos e transferências entre disciplinas, mostrando como noções migram de um campo para fecundar um outro. A criação de um novo objeto pode evidenciar a necessidade da cooperação e da quebra do isolamento entre disciplinas como no caso da criação do conceito de *ecossistema*, que permitiu articular conhecimentos de diversas disciplinas. A questão para Morin não é substituir a disciplinaridade pela transdisciplinaridade – para ele não se pode destruir o que foi criado pelas disciplinas –, mas é preciso que as disciplinas se tornem, ao mesmo tempo, abertas e fechadas.

Kuenzer acha a atenção para um aspecto metodológico fundamental ao afirmar que não é possível trabalhar de forma transdisciplinar caso não haja tratamento disciplinar rigoroso, que forneça categorias de análise, referencial teórico e sistemas

simbólicos que viabilizem novas sínteses (Kuenzer, 2002: 89). Sem isso a transdisciplinaridade não passa de uma retórica vazia.

Quando pensamos no tema dessa mesa – A Musicoterapia rumo à Transdisciplinaridade – podemos nos colocar uma série de questões recorrentes na nossa história. A musicoterapia deve ser incluída na área de saúde ou de música? O que é música em musicoterapia? O musicoterapeuta deve ou precisa ser um músico? O que significa musicalidade nesse contexto? Responder a essas perguntas exige uma re-elaboração de conceitos e uma nova contextualização das questões. Significados e funções da música precisam ser repensados no contexto da saúde assim como a própria noção de saúde tem sido ampliada consideravelmente nos últimos tempos, assumindo uma dimensão muito mais ampla. Um exemplo disso é a noção de direito à saúde que tem sido associada a outros direitos sociais sem os quais a saúde não pode ser efetivamente garantida.

Pensar a Musicoterapia a partir desses referenciais parece apontar para a construção de um novo objeto – segundo Benenzon (1985: 11), a musicoterapia investiga o complexo som-ser humano – a ser estudado a partir da reunião e integração de elementos de diferentes disciplinas, e para a constituição de um novo campo de conhecimento – a musicoterapia. Nesse sentido, a Dra. Fernanda Albernaz do Nascimento destaca as características interdisciplinares da musicoterapia na sua própria origem e o pensamento complexo envolvido na elaboração de suas teorias e práticas. A realização musical a partir da leitura de uma partitura é apresentada por ela como exemplo de pensamento sistêmico da complexidade na medida em que as relações entre os diferentes elementos da peça só se completam ao final da leitura. Discutindo esse problema da relação entre o todo e as partes, Morin recorre a Pascal para mostrar como essa relação se articula num movimento de idas e vindas: “julgo impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, nem conhecer o todo sem conhecer particularmente as partes (Pascal *apud* Morin, 2001: 80).

O professor Ivo Mauri enfatiza nessa mesa redonda a necessidade da criatividade para o enfrentamento dos desafios de nossa época e a construção de novas alternativas e abordagens. A transdisciplinaridade não deve ser confundida com uma sobreposição de disciplinas e saberes, mas demanda abordagens criativas e abertas.

O potencial de cura da música é apontado por Rodolfo Petrelli, assim como o seu poder de mobilização social e política. Mesmo que não compartilhem inteiramente da

sua visão otimista a respeito das possibilidades da música, a sua fala nos instiga a aprofundar o nosso conhecimento a respeito das relações entre música e sociedade, um desafio importante na construção transdisciplinar da musicoterapia.

Pensar a transdisciplinaridade como musicoterapeutas – na medida em que ela significa a construção/apropriação de um novo objeto a partir de um problema e de uma prática social – exige o esforço para a apropriação de conhecimentos produzidos em várias disciplinas, conhecimentos indispensáveis à constituição e consolidação desse novo campo, a musicoterapia. Uma tarefa imensa quando se considera a extensão e complexidade dos saberes envolvidos, uma tarefa que só se torna possível através do trabalho coletivo de profissionais que integrem os resultados da sua prática clínica, de sua produção na pesquisa e da estreita colaboração com outros campos como os da saúde, da arte e da educação.

Referências bibliográficas

- BENZON, Rolando. *Manual de Musicoterapia*. Rio de Janeiro: Enelivros, 1985.
- MORIN, Edgar. Articular os saberes in ALVES, Nilda e GARCIA, Regina Leite (orgs.). *O sentido da escola*. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- NICOLESCU, Basarab. *Um novo tipo de conhecimento – Transdisciplinaridade*. <http://www.redebrasileiradetransdisciplinaridade.net> Acesso em 27/08/2006.
- KUENZER, Acácia. *Ensino Médio: Construindo uma proposta para os que vivem do trabalho*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.